

CHURCHILL E O PRÉMIO NOBEL DA LITERATURA... - NÃO FOI FICÇÃO!

(Ana Gaspar)

Em 1953, W. Churchill recebeu o Prémio Nobel da Literatura com a seguinte apreciação da Academia Sueca: “...*pela sua magistral obra histórica e biográfica, bem como pela brilhante oratória na defesa exaltada dos valores humanos*”. Foi polémica a atribuição deste prémio, levantaram-se muitas vozes com argumentos contra e a favor, e produziram-se inúmeras críticas, recensões, estudos literários. Não querendo nós fazer eco de uma dessas posições, propomos, contudo, um olhar sobre a obra de Churchill a partir de um aspecto particular da Teoria da Literatura: a ficção.

I

Churchill escreveu uma extensa bibliografia em vários domínios: análises histórico-políticas, obras biográficas e autobiográficas. Escreveu ainda as suas memórias relativas a viagens por territórios inauditos do continente africano. Dedicou sobretudo as biografias a elementos da sua família: recorde-se a biografia do seu pai, intitulada: *Life of Randolph Churchill* (1906), e ainda a de um antepassado, *Marlborough: his life and time* (1933-38). Escreveu as suas experiências enquanto jornalista e correspondente de guerra em obras como: *Makaland Field Force* (1898), *The River War* (1899), *London to Ladysmith via Pretoria* (1900) e *Ian Hamilton's March* (1900), nas quais relata as guerras imperiais da Grã-Bretanha na Índia, no Sudão e na África do Sul (estas últimas foram reeditadas: *My Early Life*, 1930). Da sua obra destacam-se as qualidades dignas de um grande historiador, embora nesse campo, ele fosse um verdadeiro autodidacta. Ainda assim, Churchill aliava o estudo, a observação e a compreensão dos factos à capacidade de produzir excelentes textos numa prosa elegante. São, de tudo isso, exemplo, os trabalhos sobre a Primeira Guerra Mundial, *The World Crisis* (seis volumes, 1923-1931) e sobre a Segunda Guerra Mundial, *The Second World War* (seis volumes, 1948-1953), ou ainda, *History of the English-Speaking People* (quatro volumes, 1956-1958). A História elaborada por Churchill sobre as duas guerras mundiais está longe de ser considerada convencional. Na verdade, ele escreveu-a sob a forma de memórias, autobiografias, com relatos de eventos nos quais participou, e fundamentou as suas opiniões numa diversidade de fontes oficiais, muitas delas, ultra-

secretas. Churchill enriqueceu ainda a narrativa com as suas reflexões, ora de cariz mais político e estratégico, ora de cariz mais pessoal e humanístico. Podemos dizer que o centro desta narrativa é o seu país, é ele próprio, enquanto o foco das suas reflexões incide sobre o valor da condição humana.

II

Faz parte da concessão de prémios literários, segundo Carlos Reis, uma função de validação institucional da própria literatura (Reis, 2008). Quer isto dizer que se premeia um autor pela sua obra e ao fazê-lo, estabelecem-se as fronteiras que delimitam o campo da literatura, permitindo, assim, que se classifique uma obra premiada como uma obra literária. No entanto, como assinala o mesmo autor, não são de excluir situações híbridas que flexibilizam os limites desse mesmo campo. Talvez por isso tenha feito algum sentido que proeminentes críticos literários atribuissem um prémio de alto valor, como o Nobel da Literatura, à obra de W. Churchill, apesar de esta ser considerada, por outros críticos igualmente proeminentes, duvidosa quanto às suas qualidades literárias. É que, para estes, a atribuição do prémio foi impregnada de critérios políticos. Parece, portanto, que a avaliação das qualidades literárias da obra de Churchill não foi o único critério considerado, ela foi associada a outros planos de análise. O problema da atribuição do prémio Nobel a Churchill tem, aliás, que ser avaliado a vários níveis: primeiro, a primazia concedida à qualidade das dimensões histórica e sociocultural, segundo, a presença ou ausência de ficção, terceiro, o uso que o autor fez da linguagem.

Quanto ao primeiro aspecto, é inegável reconhecermos que os seus textos enriqueceram o património da humanidade. Trata-se, na verdade, de uma obra que testemunha o devir da História e do Homem, num período muito complexo da História, numa época de extrema radicalização dos problemas da humanidade, em que a dor humana foi e será sempre recordada como a primeira e a última referência. Ora, a obra de Churchill fala disso sem rodeios, mostra os tempos difíceis em toda a sua crueza de inferno e desesperança, de luta e reparação.

Quanto à questão da ficção, Carlos Reis diz que o que caracteriza o texto literário é a sua configuração a um “universo de natureza ficcional” (Reis, 2008), ou como salienta Ricouer (1986), trata-se de um universo que remete para um “quase-mundo

imaginário”, ou ainda, como mostra H. Eco (1997), é um universo perante o qual o leitor é convidado a fazer um “pacto ficcional” para nele entrar. É este fenómeno ficcional que transporta o leitor, numa fruição estética, para uma realidade outra. Todavia, a obra de Churchill não faz qualquer convite à ficção, não nos leva a um outro mundo possível, pelo contrário, apresenta a realidade tal como objectivamente a vê. Os textos sobre a Segunda Guerra são, disso, um bom exemplo. Eles foram escritos em tempos que não se compadeciam com fingimentos de valor estético, sobretudo para quem liderava a guerra. Churchill deixou, nas suas palavras, a marca da sobrevivência, ou melhor, a de um autor sobrevivente e responsável pela sobrevivência dos povos aliados. Aqui, as palavras de Churchill não tratam de ficção, nem podiam fazê-lo.

No entanto, se olharmos para a obra no seu todo e tivermos em atenção o uso que o seu autor fez da linguagem, o valor das suas palavras, e a riqueza da sua expressão, podemos constatar a existência de uma intenção estética aqui e acolá, rodeada de pragmatismo e humor. Há ainda que ter em consideração certas características pessoais do autor que nos poderão revelar outros elementos que enriquecem o uso que fez da linguagem. Por exemplo, Churchill acreditou sempre no poder da palavra escrita. O seu biógrafo, Martin Gilbert, diz-nos que, desde os tempos de escola, Churchill escrevia longas cartas à mãe, expondo os seus pedidos e pontos de vista, e defendendo as suas acções (Gilbert, 2004). Ao longo de toda a sua vida política acreditou sempre que, se expusesse por escrito e com clareza um determinado argumento, conseguiria talvez convencer até os adversários mais relutantes. O seu domínio da palavra e, em especial da palavra escrita, tornou-se parte integrante e vital da sua liderança de guerra. Através do hábil uso da palavra escrita, Churchill persuadia e convencia. Outro aspecto de relevo, é o recurso a uma linguagem tão simples quanto concreta, capaz de esclarecer, de imediato, questões que, de outro modo, se perderiam em retórica e demagogia. Recorde-se, por exemplo, a expressão: “*a democracia não é uma prostituta*”, em referência à recém-libertada Grécia, cuja democracia estava ameaçada pela iminência de uma guerra civil (apud Gilbert, 2004: 104), ou ainda, “*continue a moer-lhes o juízo*”¹, num telegrama enviado ao diplomata inglês Campbell que se esforçava, em vão, por incrementar a resistência anti nazi na Jugoslávia (apud Gilbert, 2004: 85). O humor também surgia em vários momentos, alguns deles, bastante dramáticos. Churchill

¹ No original, “*continue to pester, nag and bite*”

chamava os seus “*ovos de ouro*” às mensagens ultra-secretas detectadas pelo descodificador “enigma” capturado aos alemães. Eram, por isso, na fina ironia de Churchill, ovos postos “*por gansas que nunca cacarejam*” (apud Gilbert, 2004: 40).

Churchill também inovou no uso da palavra: cunhou novos termos, como é o caso de “*Cimeira*”, que utilizou cinco anos após a guerra para designar os encontros regulares entre os mais altos chefes de estado. Hoje, este é um termo recorrente. Em 1946 utilizou, pela primeira vez, a expressão “*Cortina de Ferro*”, a qual passou não só a fazer parte do vocabulário quer político, quer coloquial, como também impregnou o imaginário dos povos no ocidente e no leste. É, sem dúvida, uma expressão forte e bem esclarecedora. Além disso, tem valor poético: causa uma impressão quase tátil, desdobra-se em múltiplas imagens, é sintética, e ao mesmo tempo, corresponde de forma bem concreta à realidade da separação entre a Europa ocidental e a Europa comunista. Esta expressão revela o uso de uma linguagem chã sobre a realidade nua e crua. Ela adequa-se àqueles tempos de realidades catastróficas que, por isso mesmo, impunham ser olhadas de frente.

Mas a obra de Churchill também apresenta textos que permitem a fruição estética. Referimo-nos aos textos escritos noutros tempos, antes do horror da guerra e da morte, em plena descoberta das paisagens africanas, como é o exemplo: *A Minha Viagem por África* (Churchill, 2010). Aqui, as suas descrições apropriam-se da beleza das paisagens, sem esquecerem, ainda assim, o pendor realista, ou seja, numa prosa intensa e bela, não deixa de manter a visão realista e objectiva. As descrições são românticas “(...) *uma das linhas ferroviárias mais românticas e maravilhosas do mundo (...)*” (Churchill, 2010:12), de uma minúcia encantadora, mas pormenorizadamente realista: “*Durante todo o dia, o comboio sobe em direcção a oeste, por um solo ondulado e irregular revestido de uma vegetação abundante. Borboletas e pássaros magníficos voam de flor em flor e de árvore em árvore. Desfiladeiros profundos e abruptos, por onde fluem rios caudalosos, abrem-se sob os nossos pés, ladeados de palmeiras e de árvores abertas de plantas trepadeiras...*” (Churchill, 2010: 16); as descrições de caça ao animal selvagem deixam perceber a ferocidade do momento e as percepções únicas vividas pelo autor e “vivenciadas” à posteriori pelo leitor, mas sem qualquer fantasia: “*São sempre os animais feridos que levam o caçador a mete-se em aventuras*” ou, “*O modo de matar um rinoceronte num espaço aberto é cruelmente simples*”, prossegue a aventura “*É*

impressionante o efeito psicológico provocado por um adversário daqueles a avançar” e oferece-nos uma precisão de sensações, enquanto nos convida a entrar naquela aventura: *“Um véu inatingível parece abrir-se no cérebro, revelando um espaço mental, estranhamente iluminado e imóvel, onde os objectos adquirem novos valores e onde uma simples mancha de erva branca a quatro ou a cinco metros de distância parece adquirir um significado oculto”* (Churchill, 2010: 22). Com estas delicadas e fortes descrições partilhamos o seu olhar, mas nunca somos, em momento algum, levados para um mundo ficcional, nunca a inspiração poética nos atira para fora da realidade. Churchill, o autor, fixa-se na realidade, enquanto abre à imaginação.

III

Churchill produziu uma imensa obra bibliográfica em diversos domínios. Esta obra descreve acontecimentos diversos, alguns muito dramáticos, outros dignos de um explorador de aventuras. O conjunto da obra oferece uma completa visão histórico-política da época que atravessa, uma visão detalhada da liderança de guerra, e ainda, uma riqueza de experiências em vários contextos. Ainda assim, a atribuição do Prémio Nobel da Literatura contemplou outros aspectos: a riqueza da linguagem, a força das palavras. Sem usar ficção, o autor não foi, por isso, um inventor de novas realidades, talvez tenha sido um inventor da realidade tal como ela se regista na memória da humanidade.

O discurso de Churchill aquando da recepção do Prémio Nobel da Literatura toca no problema da legitimidade literária da atribuição do mesmo: *“...Estou orgulhoso, mas também devo admitir, intimidado, ante a decisão da Academia Sueca de me incluir. Espero que ela esteja certa. Sinto que estaremos ambos a correr um risco considerável e que eu não o mereço. Mas não terei dúvidas se a Academia Sueca não as tiver”*. Mas como Churchill não era crítico literário, nem nunca pretendeu sê-lo, deixou a tarefa para os especialistas. Todavia, se é certo que a atribuição deste prémio abriu várias questões no campo da literatura, também não é menos verdade que sempre que se colocam questões abrem-se caminhos e antevêm-se novos destinos.

Bibliografia

- Churchill, W. (2005). *Memórias da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro. Ed Nova Fronteira, vol. 2, 3ª ed.
- Churchill, W. (2010). *A minha viagem por África*. Lisboa. Ed. Oficina do Livro.
- Eco, H. (1997). *Seis passeios no bosque da ficção*. Lisboa, Ed. Difel
- Gilbert, M. (2004). *Continuem a moer-lhes o juízo*. Lisboa. Ed Gradiva
- Gilbert, M. (2009). *A Segunda Guerra Mundial*. Lisboa. D. Quixote, 5ª ed.
- Kershaw, I. (2009). *Hitler. Uma biografia*. Lisboa. D. Quixote, 2ª ed.
- Reis, C. (2008). *O Conhecimento da literatura*. Coimbra. Ed. Almedina.
- Ricoeur, P. (1986). *Du texte à l'action. Essais d'herméneutique II*. Paris, Ed. Du Seuil